

OS DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE FRENTE A DIVERSIDADE SEXUAL NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Aluízio Torres da Costa Neto ¹

INTRODUÇÃO

O presente resumo expandido, parte de uma pesquisa em andamento, aborda a “Diversidade Sexual e Educação: desafios para a formação docente” visa demonstrar a associação feita nos dias de hoje entre educação e diversidade sexual que está inserida no contexto de relações de poder, essas instauradas a partir de discursos sobre a sexualidade que, em outros momentos históricos, teve como atenção diferente, ligada por exemplo a questões de saúde, como a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis (DST’s), o vírus HIV, gravidez indesejada entre outras.

Dessa forma, faz-se necessário mostrar as reais demandas que a sociedade colocou sobre a educação, no que concerne às temáticas ligadas à sexualidade, variando também suas implicações para a formação docente.

A justificativa da presente investigação se fundamenta nas experiências profissionais do pesquisador, o qual atuou e atua em projetos de combate a homofobia, assim como toda e qualquer forma de preconceito relacionados as questões da sexualidade, que compreende que a proposta deste estudo apresenta-se sobretudo pela necessidade de refletir sobre o tema da diversidade sexual nos espaços das escolas brasileiras, por existir uma carência de debates sobre a temática, além do peso relacionado as questões culturais que acabam norteando algumas ações que poderiam ser de cunho pedagógico, se fossem melhor compreendidas e portanto melhor percebidas não somente nos espaços da escola, mas na sociedade brasileira.

Vive-se em uma sociedade completamente alienada quanto ao discernimento sobre o que seria a Diversidade Sexual, assim no âmbito educativo a ausência deste implica mais ainda na formação dos professores levando-os ao não entendimento da importância para se trabalhar com alunos em dentro da escola. As políticas educacionais devem levar em conta as discussões sobre a função social da escola na construção de masculinidades e feminilidades contrapostas ao modelo consagrado, masculino, branco e de classe média.

Diante dessas abordagens norteadoras, surge uma pergunta que torna-se a pergunta central dessa pesquisa, que é: Como as políticas públicas têm trabalhado a Diversidade Sexual na formação docente? Para responder a essa pergunta o objetivo geral será analisar a formação dos professores sobre a temática identidade sexual, identificando as estratégias educacionais utilizadas no contexto escolar para a promoção de uma postura pedagógica/metodológica que respeite as questões referentes a Diversidade Sexual. E possui como objetivos específicos: descrever o processo de formação dos professores no contexto da Diversidade sexual na Escola; relatar as abordagens da diversidade sexual dentro do espaço escolar; avaliar os projetos já existentes dentro do contexto educativo referente a diversidade sexual; dissertar as principais estratégias utilizadas pelos professores para trabalhar com o tema nos espaços da escola.

Para se chegar a resultados relevantes sobre um objeto de pesquisa, que interessem à comunidade científica, o pesquisador deve considerar a metodologia da pesquisa. Este estudo será desenvolvido a partir de uma pesquisa fenomenológica com enfoque qualitativo buscando compreender e interpretar os fenômenos em seus contextos naturais

¹ Aluízio Torres da Costa Neto. Graduado em Pedagogia pela UNDB – Universidade de Ensino Superior Dom Bosco. Especialização em Supervisão e Orientação Educacional pela UNDB. E-mail: Profealuiziotorres@gmail.com.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Antes de iniciar o debate acerca do passo a passo dessa investigação, é preciso apresentar o conceito da palavra método: Método, segundo Campoy (2018, p. 38) “significa um caminho, um procedimento: caminho a seguir para alcançar um fim proposto de antemão. O método é, portanto, algo muito mais complexo que uma simples sequência unidimensional de passos”. Método é um processo organizado, lógico e sistemático de pesquisa.

O método científico, por sua vez, é definida por Gil (2002, p. 17) como:

A pesquisa é um projeto racional e sistemático com objetivo de proporcionar respostas aos problemas que são propostos, através da utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos até a satisfatória apresentação dos resultados. Elas podem ter razões de ordem intelectual e/ou razões de ordem prática, designadas como “puras” e/ou “aplicadas”. Para isso é necessário que, além das qualidades pessoais do pesquisador, consideremos os recursos humanos, materiais e financeiros necessários à sua efetivação.

No caso desse estudo, considerado uma pesquisa de caráter social, quando pensamos na análise de um fenômeno ocorrido nas instituições escolares, espaço esse em que se caracteriza as relações sociais, em que os sujeitos estão envolvidos e interligados pelo mesmo objetivo opta-se-á em desenvolver uma pesquisa fenomenológica com enfoque qualitativo.

A escolha fenomenológica como método de estudo acontece no momento em que percebeu-se a necessidade de analisar o fenômeno relacionado a diversidade sexual no âmbito escolar, ou seja, essa pesquisa é o estudo de um conjunto de fenômenos e como eles se manifestam, seja através do tempo ou do espaço através de um olhar que não interfira diretamente na opinião dos participantes, ou seja, o pesquisador descreve qualitativamente em um determinado espaço de tempo a realidade da temática no ambiente escolhido para pesquisa.

DESENVOLVIMENTO

É importante uma profunda reflexão sobre as dúvidas que surgem no caminho e que ocasionam dúvidas distintas que levam a pensar sobre as questões da diversidade no espaço escolar como um fenômeno estabelecido historicamente e culturalmente na sociedade contemporânea. Para Maio (2018, p. 09): “Não se pode ver o mundo pronto, para isso é preciso pensar no processo de ensino-aprendizagem pois é por meio dele que educadores formam opiniões nos seus discente”.

As escolas brasileiras parecem estar plantadas sob códigos sistemáticos pedagógicos e sociais implantados pela sociedade vigente e mantém seus participantes sob as decisões da reprodução cultural. “A escola é um espaço social, portanto, do encontro, do diálogo, da aproximação com o outro. Nem sempre estas relações são harmoniosas. A presença daquele que não corresponde aos padrões socialmente e culturalmente ditados como normal incomoda” (SILVA e CAMPOS, 2016, p. 01).

Nesse ponto, é cabível ressaltar que nesse espaço os discursos são os mais variados, ou seja, não estabelecem um único pensamento, e não poderia ser diferente, pois é composta por várias pessoas com culturas distintas. No entanto, é um espaço em que estão suscetíveis a diversos acontecimentos e fatos que decorrem de um espaço de culturas tão variadas. Para Silva e Campos (2016, p. 02):

O julgamento do que é certo ou errado é muito comum nestes espaços de presenças tão diversificadas. A diversidade não é aceita e tolerada por todos, o que resulta em exclusão, preconceito e discriminação com uma parcela significativa de estudantes. Estas situações acabam sendo naturalizadas. Neste sentido, vê-se a necessidade de buscar subsídios teórico-metodológicos para enriquecimento do conhecimento como

possibilidade de encaminhamento para as discussões acerca da abordagem das relações de gênero e diversidade sexual na escola, visando à defesa do acesso e permanência destes sujeitos na educação. Some-se a isso, faz-se necessário repensar a prática docente e a autonomia na sala de aula para que não resulte em práticas excludentes.

O tema diversidade sexual e de gênero tem sido um tema bastante debatido na mídia, algumas novelas retratam o tema, como também o cinema, os programas de TV, as revistas, entre outros, forçando a escola a discutir sobre o tema. Contudo toda essa discussão na mídia e também dentro da escola em relação ao tema da diversidade sexual nem sempre vem obtendo resultados positivos de enfrentamento a discriminação e ao preconceito.

É de suma importante tentar desconstruir alguns rótulos existentes no âmbito escolar que continuam enraizados na formatação das escolas e que naturalmente vem contribuindo com a violência dentro desses espaços. “Daí a necessidade improtelável de se pensar a formação acadêmica do profissional da área da educação” (MAIO, 2018, p. 09). Dessa forma, cabe aos professores pensarem em práticas que venham a contribuir para promover tal desconstrução desses estereótipos.

Portanto de acordo com Torres (2017, p. 05):

No que diz respeito à educação são várias as instâncias que contribuem para definir o que se pode admitir: os Conselhos de Educação, os movimentos sociais, os grupos religiosos, as ciências e, por fim, o estado. Este, como um agente mediador e regulador, é representado pelas Secretarias de Educação dos estados e dos municípios e pelo Ministério da Educação.

Por sua vez, o consenso entre essas instâncias devem produzir nas pessoas autonomia para serem o que querem ser, valorizar a cultura sexual de cada ser envolvido na escola.

Ainda de acordo com Torres (2017, p. 06):

Cada pessoa tem o direito de reproduzir e elaborar de modos diferentes a compreensão da sexualidade que desenvolveu durante sua história. Isso pode levá-la a ter variadas maneiras de interpretar a sexualidade, em relação tanto a expressão, quanto a prática. Talvez essa possibilidade provoque medo e repulsa em alguns, o que depende de sua história de vida e de suas crenças.

São conceitos que denotam a liberdade de cada indivíduo e permiti-lo ser o que deseja em qualquer âmbito social. O direito mencionado acima não se refere apenas a uma obrigação pautada em leis, aos costumes ou tradições carregadas pela comunidade, pelo contrário perpassa todos esses conceitos. Retrata-se um direito que ainda está sendo negado aos grupos inferiorizados nesse amplo processo de socialização histórica. Para Torres (2017, p. 07) “entender a diversidade sexual a partir do contexto histórico-social permiti-nos reconhecer que, muitas vezes, repetimos formas de discriminação até mesmo sem perceber”.

O autor retrata as muitas vezes em que a discriminação é feita sem que as pessoas percebam o que estão fazendo, e isso é muito comum no meio escolar, o que exige da equipe escolar uma forte decisão e mudanças em suas práticas diárias no acolhimento da imensa diversidade brasileira existente e não apenas a diversidade sexual.

Obrigatoriamente é no espaço escolar que, desde muito cedo, as crianças começam a se relacionar afetivamente e socialmente com outras crianças e isso muito contribuirá para sua formação como cidadãos atuantes no meio em que vive. As escolas devem oferecer “Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se necessariamente com as diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos” (PCN’s, 1998, p. 11).

Assim, é fundamental dizer que não há outro espaço mais favorável que a escola para centralizar forças na desmistificação de tradições enraizadas no preconceito discriminação. E isso só será possível através de um currículo amplo de abordagem diversa assim com indicam os PCN's. Pois se faz necessário adequar e prover meios para que isso aconteça da melhor forma possível.

As preocupações existentes entre os professores devem dar espaço a novas metodologias inclusivas para garantir a todos os alunos um lugar de respeito e acolhimento. Isso não significa ser apenas um ambiente bacana, mais com o objetivo de verdadeiramente assumir-se como escola inclusiva atendendo com qualidade toda a demanda existente nesse meio. A socialização e o bem-estar dos alunos são fundamentais.

Torres (2017, p. 08) dialoga a respeito desse debate:

Entendemos que a escola, estatal ou não, pertence ao público, é lugar de discursos que lutam para influenciar o processo de ensino e aprendizagem dos cidadãos e cidadãs. Isso quer dizer que, mesmo uma escola particular no Brasil e nas demais comunidades que se afirmam democráticas estabelecem seus critérios educacionais a partir de bases legais que se fazem democráticas.

Tudo isso encontra-se baseado na desinformação de uma sociedade, não há necessidade de especificar todas as esferas compostas pela sociedade. A desinformação causa sérios danos a inclusão da diversidade dentro das escolas seja ela cultural ou de sexo. Ainda de acordo com Maio (2018, p. 11) “cabe a sociedade desmistificar esse paradigma, mas, cabe, principalmente aos educadores a incumbência de desnudar esse arquétipo que foi imposto pela sociedade por meio de uma educação tradicionalista, engessada e arcaica”.

Para isso, a escola tem um papel fundamental a desenvolver nesse processo. Pois a escola é um espaço em que se configura a convivência entre alunos de diferentes origens, com culturas, costumes, raças, etnias diferentes daqueles que cada aluno conhece e convive em seu lar, sem contar o vasto universo cultural com visões diferentes daqueles que estão imbuídos em seu convívio familiar.

Sendo a escola o local para o desenvolvimento desses fatores, o PCN's (1998, p. 12) define que:

A criança na escola convive com a diversidade e poderá aprender com ela. Singularidades presentes nas características de cultura, de etnias, de regiões, de famílias, são de fato percebidas com mais clareza quando colocadas junto a outras. A percepção de cada um, individualmente, elabora-se com maior precisão graças ao outro, que se coloca como limite e possibilidade. Limite, de quem efetivamente cada um é. Possibilidade, de vínculos, realizações de “vir-a-ser”. Para tanto, há necessidade de a escola instrumentalizar-se para fornecer informações mais precisas a questões que vêm sendo indevidamente respondidas pelo senso comum, quando não ignoradas por um silencioso constrangimento.

Esse argumento definido pelos PCN's estabelece alguns critérios para que de fato as relações sociais presentes na escola sejam constituídas de uma interação sadia e positiva para o aumento das possibilidades. Não se pode imaginar uma escola sem objetivos voltados as práticas inclusivas com foco na diversidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse estudo faz parte de uma pesquisa em andamento em que vislumbramos alguns questionamentos e propomos alguns objetivos. Assim esperamos, através desse estudo, adquirir respostas para os mesmos. O questionamento central desse estudo está centrado

principalmente em descobrir como as políticas públicas têm trabalhado a Diversidade Sexual na formação docente.

Visto que se trata de uma temática muito polêmica e que aborda diversos pontos de vista, tentaremos descobrir como acontece as formações docentes frente a diversidade sexual no meio educacional.

Esperamos também, que esse estudo sirva de base para aprofundamento que norteie novos estudos sobre essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na sociedade preconceituosa e discriminadora que vivemos, concluímos que o discurso sobre a diversidade no meio educacional necessita ser consideravelmente otimizada no sentido de informar e formar professores para serem capazes de desmistificar as ideias tradicionalmente implantadas durante vários anos na cabeça de muitas pessoas.

Com isso, a escola é um espaço favorável para as práticas inclusivas de temas relevantes, como este que está sendo debatido, com a intenção de transmitir informações verídicas sobre a diversidade sexual.

Não se pode imaginar uma escola, em um mundo globalizado, que esconde dos alunos informações importantes que podem contribuir com seu desenvolvimento por pura discriminação e preconceito.

Nesse sentido, confiamos que as formações contínuas, podem ajudar os professores a desenvolver práticas que favoreçam o debate sobre o tema e fortalecer os vínculos afetivos entre os que definitivamente merecem respeito acima de tudo.

A ideia de trabalhar essa temática na escola, exige de toda equipe docente conhecimento, preparo, dedicação e força de vontade para ajudar os alunos a conviver com a diferença e fazer dessa diferença uma rica relação interpessoal.

Palavras-chave: Formação Docente. Diversidade Sexual. Professores. Saberes Docentes. Práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual.** Brasília, 2004.

CAMPOY, Tomás Aranda. **Metodología de la investigación científica.** Ciudad del Este (py) U.N.C. del Este, 2018.

DA SILVA, Edna Aparecida; DE CAMPOS, Karin Cozer. **OS estudos da diversidade sexual na escola e suas contribuições para o curso de formação de docentes do Colégio Estadual Mário de Andrade de Francisco Beltrão-PR,** 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo, v. 5, n. 61, p. 16-17, 2002.

MAIO, Eliane Rose. **Gênero e Sexualidade: Interfaces Educativas.** Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018. **cidadania homossexual.** Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

TORRES, Marco Antonio. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola**. Autêntica, 2017.